

O peristilo da *villa* romana de Milreu: novas interpretações

João Pedro Bernardes
Universidade do Algarve

No âmbito do programa de valorização das ruínas romanas de Milreu, promovida pela delegação regional de Faro do IPPAR, foi reescavada parte da ala sul do peristilo daquela *villa* romana, a fim de se tentar esclarecer algumas problemáticas relacionadas com a interpretação deste espaço. Esta área, escavada sucessivamente desde Estácio da Veiga, colocava alguns problemas interpretativos que obstaculizavam a execução de um projecto de valorização para esta parte nuclear da *villa*, uma vez que não era claro qual teria sido o seu aspecto na última fase de construção, durante o século IV, fase essa que, por ser a que melhor está retratada no conjunto das ruínas, seria a que enquadrava as intervenções de valorização.

A campanha de escavação, que decorreu de 27 de Junho a 22 de Julho de 2005, foi orientada pelo autor destas linhas que contou com a participação de cerca de 20 alunos do curso de Património Cultural da Universidade do Algarve, com a colaboração pontual de 4 técnicos de arqueologia a estagiarem no IPPAR e um topógrafo do mesmo Instituto.

Os objectivos da intervenção, inseriram-se, como se disse, no âmbito do programa de valorização das ruínas romanas de Milreu que inclui o arranjo paisagístico de todo o espaço visitável, nomeadamente do peristilo onde se pretende recriar um ambiente que sugira de forma intuitiva ao visitante a função que o espaço teria tido no período áureo da *villa*. Para tal, e de acordo com a interpretação apontada para o espaço do peristilo pelas investigações aprofundadas de T. Hauschild, que escavou no local durante mais de duas décadas, levantou-se a possibilidade de ajardinar parte do espaço e criar um espelho de água por forma a evocar a vivência romana naquela parte da *villa*. Todavia logo surgiram um conjunto de problemas e de questões relacionadas com a real interpretação das estruturas já escavadas, que acabariam por motivar esta intervenção. Pretendia-se, assim, resolver ou contribuir de alguma forma para o melhor conhecimento do peristilo a fim de suportar em bases científicas minimamente credíveis ou, pelo menos, plausíveis o projecto de valorização. Sendo este o objectivo geral da intervenção, o IPPAR, na pessoa do Dr. Rui Parreira, levantou uma série de questões para as quais pediu que procurássemos respostas, concretamente:

- Avaliar a possibilidade da área envolvente ao tanque do peristilo ter sido efectivamente ajardinada.
- Procurar determinar a extensão e limites de eventuais canteiros ou espaços ajardinados.

- Contribuir para um melhor esclarecimento da sequência e se possível dos períodos ou fases dos diferentes programas arquitectónicos que ali se sucederam.
- Determinar a configuração arquitectónica que o espaço foi assumindo ao longo dessas diferentes fases com especial destaque para a fase áurea da *villa* – a do século IV – quando o espaço assume o essencial das características que hoje se vislumbram.
- Averiguar se as muitas *tesselae* que aparecem na ala sul do peristilo eram apenas vestígios do antigo pavimento já totalmente destruído ou se, ao contrário, ainda subsistiam alguns troços conservados de mosaico.
- Tentar apurar a cronologia do poço que se vê na ala nascente do peristilo.

Perante questões tão concretas e tendo em conta as muitas vicissitudes por que a área a investigar passou – nomeadamente a continuidade da ocupação do espaço para além da época romana até aos dias de hoje e as já muitas intervenções que desde o século XIX ali se fizeram – arrancámos com os trabalhos de escavação na convicção de que àquele feixe de questões obteríamos respostas mais problematizantes e plausíveis do que assertivas e concludentes. Mais do que certezas esperávamos esclarecer algo das muitas incertezas!

De acordo com os objectivos que nortearam esta intervenção optou-se por uma estratégia que fez incidir a área a escavar em três zonas:

- 1) Na área sul do peristilo entre o tanque e a respectiva ala supostamente porticada, correspondente à zona 24 das plantas de Estácio da Veiga (Santos, 1972) e T. Hauschild. Aqui a opção foi escavar em área a oeste da sondagem já feita por Félix Teichner há alguns anos (Teichner, 1997). Nesta área de escavação foram efectuados os registos em desenho de 3 perfis estratigráficos e a planta de toda a área; apesar de se equacionar inicialmente o registo por desenho de planos de escavação intermédios, tal acabou por não se efectivar dado o profundo e total revolvimento das camadas arqueológicas. Pelas mesmas razões não se justificou a recolha, inicialmente prevista, de sedimentos para análises polínicas e paleoambientais.
- 2) Na ala sul do peristilo onde se detectavam vestígios de mosaico, assinalada como a área 23 naquelas plantas; este corredor do peristilo foi cuidadosamente decapado praticamente com recurso exclusivo a bisturi, colherim e vassoura, detectando-se ainda alguns fragmentos de mosaico *in situ* que permitiram determinar o padrão do pavimento. O levantamento do que restava do mosaico foi feito à escala 1:1, sob a responsabilidade da Dra. Cristina Oliveira do Museu Monográfico de Conimbriga e da equipa do *Corpus* de Mosaicos do Sul de Portugal, com recurso a decalque gráfico sobre plástico de cristal. A partir do meri-

- diano 17X os vestígios do mosaico que assomavam à superfície deixaram de aparecer pelo que se implantou entre 18X e 20X uma quadrícula que cortava transversalmente toda esta ala do peristilo e que seria escavada na totalidade. Foi feito o registo em planta e dos dois perfis que cortavam transversalmente esta área do peristilo.
- 3) Na ala este do peristilo entre o tanque e o poço, dentro da referida zona 24; nesta zona foi implantada uma quadrícula de 2 m de lado entre o tanque e o poço. A metade da quadrícula junto ao tanque era travessada por uma fiada de pedras que assomavam à superfície e que correspondiam a uma conduta de abastecimento de água ao tanque, onde morria. Essa parte limitou-se a ser limpa por forma a esclarecer a sequência do empedrado que cobria a conduta. Já na metade junto ao poço começou por escavar-se a área que o bordejava na expectativa de detectar a sequência estratigráfica junto à secção da parede poente do poço, mas desde o início verificámos que as terras eram um misto de sedimentos argilosos do afloramento com outros de origem mais recente, pelo que após 15 cm de profundidade não se continuou com a escavação. Por essa mesma razão aqui foi apenas efectuado o registo em planta. Este, bem como todos os outros registos gráficos, foram cotados com referência ao nível médio do nível do mar. As áreas intervencionadas foram amplamente documentadas fotograficamente ao longo de todo o processo de escavação.

Estratigrafia

Os trabalhos, que seguiram o sistema de coordenadas já anteriormente definido por T. Hauschild, avançaram com decapagens de 5 a 10 cm de espessura, conjugando os planos horizontais assim obtidos com a estratigrafia natural. Desde cedo se constatou que todas as terras já tinham sido profundamente revolvidas, apresentando da superfície até ao substrato geológico variadíssimos materiais com um espectro cronológico do século I ao XX (*terra sigillata*, faianças, arame farpado, etc.)¹. Com efeito, a estratigrafia da área intervencionada está profundamente revolvida, sobretudo na sequência dos trabalhos agrícolas, mas também pelas escavações de Estácio da Veiga e outras posteriores. Face à

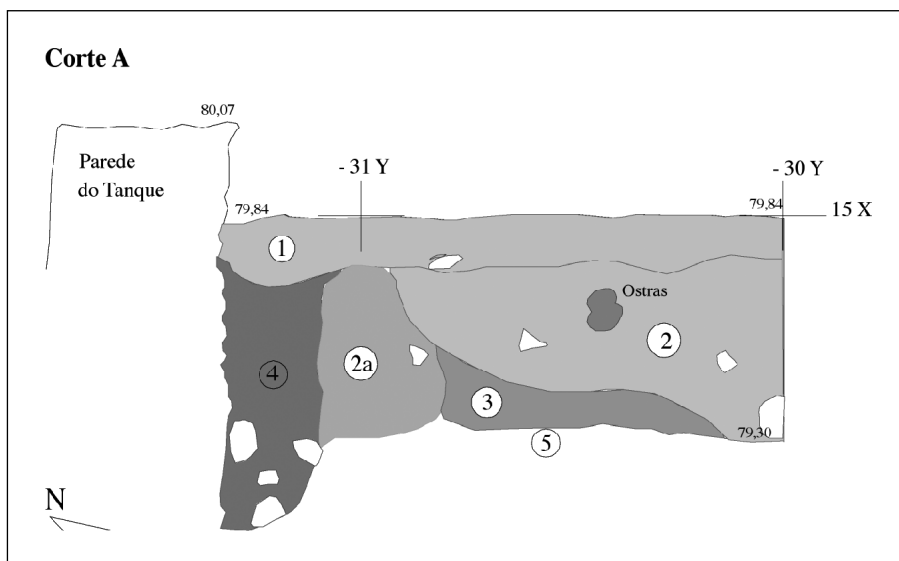
¹ Ao longo de toda a potência estratigráfica foram detectados materiais um pouco de todas as épocas, com ocorrência de muitos materiais já do século XX (arames, latas, faianças, vidros de copos e garrafas etc.). Ainda assim foram recolhidos, a par dos materiais com interesse arqueológico, amostras representativas dos materiais recentes que foram tratados tal como os outros (excepção feita para arames e latas de conserva), uma vez que se considera que, apesar de terem sido ali depositados há poucas décadas, fazem parte da história e evolução do sítio. Todos os materiais recolhidos foram lavados, marcados, identificados, acondicionados em sacos de plástico e entregues no Museu Municipal de Faro.

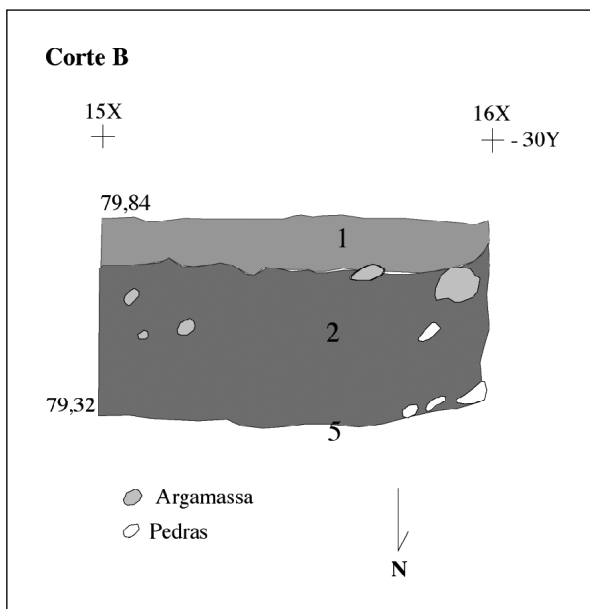
ausência de estratigrafia segura, as camadas artificiais foram agrupadas em duas grandes unidades estratigráficas, semelhantes quanto à sua composição mas que apresentavam coloração diferente, eventualmente em resultado de uma maior carbonatação da camada superior provocada pelo uso do solo, até décadas atrás, com culturas agrícolas. Foi ainda individualizada uma unidade estratigráfica de transição para a camada geológica que se registava pontualmente; a saber:

- UE 1 camada correspondente à terra superficial, revolvida, de cor castanha, com pedras de pequena e média dimensão, com cerâmica do século I ao XX, muitas *tesselae*, arames, etc.
- UE2 semelhante à anterior mas mais escura.
- UE3 semelhante à anterior, ainda que por vezes mais compacta e de terra mais clara.

Esta realidade levou a marcar os materiais de acordo com estes 3 estratos revolvidos. Notam-se, porém, nos cortes efectuados, pequenas bolsas e variantes nestas camadas que resultam, essencialmente, dos vários revolvimentos a que a terra foi sujeita quer com intuítos arqueológicos quer com fins agrícolas. Estas camadas e variantes pontuais são as seguintes:

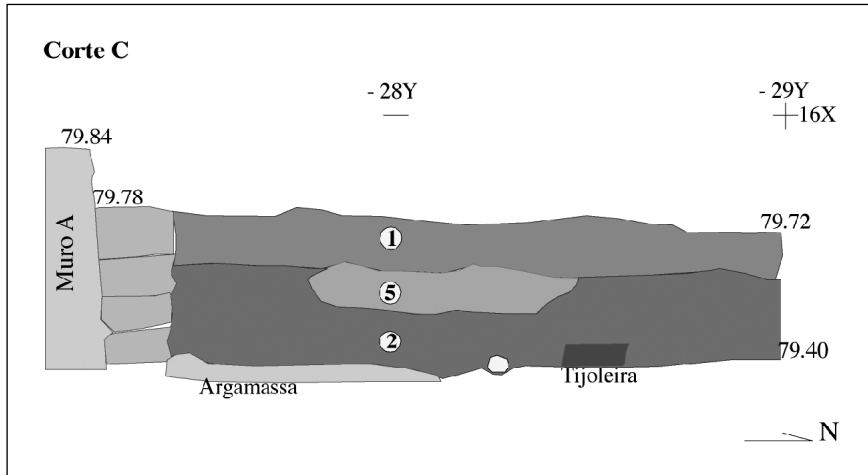
**Corte A (15X/-30Y; perfil Este; extensão de -30Y a -31Y) e
Corte B (15X/-30Y; perfil Sul; extensão de 15X a 16X)**





- UE1 camada de terra revolvida, algo compacta, castanha, com algumas pedras de pequenas dimensões.
- UE2 camada de terra revolvida com as mesmas características da UE1 mas mais escura.
- UE2a bolsa com as mesmas características, mas terra mais clara.
- UE3 camada argilosa, castanha avermelhada, constituindo a camada de transição para a UE5.
- UE4 camada de terra revolvida, pouco compacta, castanha escura, com pedras de pequena e média dimensão.
- UE5 afloramento calcário-argiloso.

A UE4 ao longo do muro do tanque, e que rompe com a camada geológica de substrato rochoso, corresponderá ao limite do cabouco para a construção do tanque. Talvez que a bolsa UE2a corresponda ainda a terras resultantes da abertura daquele cabouco no afloramento rochoso. A UE2 apresenta diferentes fragmentos de *opus* e ostras que podem corresponder, respectivamente, à destruição do lastro do mosaico da fase 3 da *villa* e a qualquer entulhamento relacionado com o abandono daquela fase e/ou construção do tanque. Encontram-se materiais de várias épocas em qualquer das UEs o que comprova o seu revolvimento.

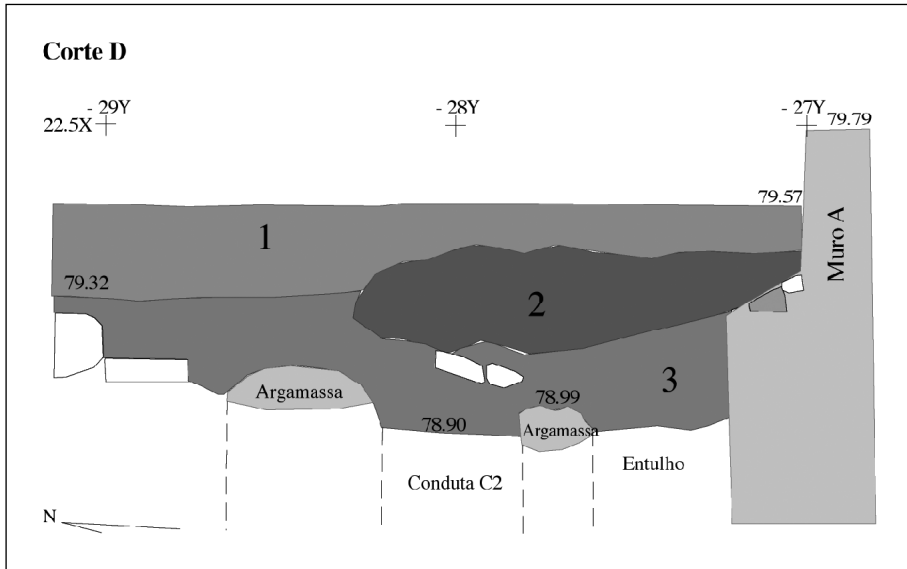
Corte C (15X/-27Y; perfil Oeste; extensão -27Y a -29Y)

UE1 igual às anteriores.

UE2 igual às anteriores.

UE5 bolsa de terra amarelada pouco compacta com muitos fragmentos de argamassa e nódulos argilosos. A aceitar a interpretação de F. Teichner (1997), poderá corresponder a uma porção de muro de taipa da *villa 2*, que teria sido demolido aquando da *villa 3*, servindo de lastro ou enchimento ao assentamento do mosaico desta última fase da *villa*.

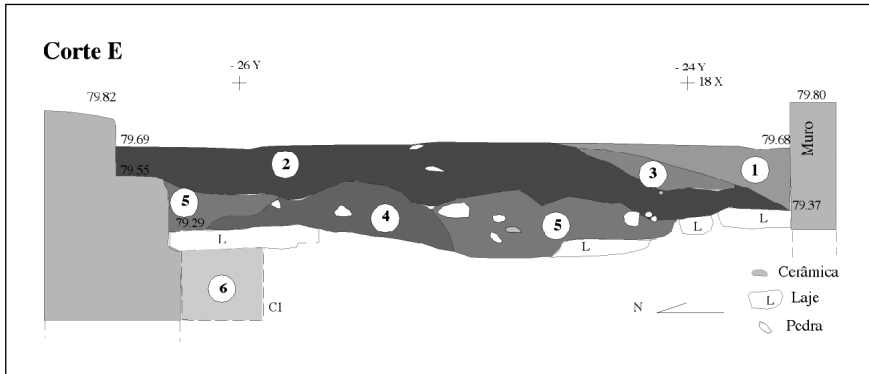
A argamassa onde assenta a UE2 parece corresponder ao lastro para assentamento de tijoleiras da *villa 2*, vendo-se ainda um fragmento de tijoleira talvez *in situ*. Esta fase será contemporânea do muro onde assenta o muro A que poderia ser alteado com taipa cujos vestígios são constituídos pela UE5. Aquele muro apresenta vestígios de ter sido rebocado com uma argamassa de cal. Uma linha desta mesma argamassa nota-se a arrancar do tanque e que por se encontrar ao nível da pedra, representada na planta, com a cota 79.66, poderá corresponder já à fase 3, concretamente ao lastro do mosaico que, de acordo com o desenho n.º 8 do artigo de Teichner (1997), se estendia ao nível do actual topo da parede anexa ao muro A (cota 79,78). Note-se que quer a UE1 quer a UE2 são camadas revolvidas apresentando materiais recentes, a par de materiais do alto Império de que o elemento mais representativo é um fragmento de vidro azul cobalto.

Corte D (22,5X/-27Y; perfil Este; extensão -27Y a -29Y)

- UE1 camada de terra arenosa revolvida, de cor castanha clara com ocorrência de materiais arqueológicos do século I ao XX.
- UE2 camada de terra muito revolvida e solta devido a ser composta por grande quantidade de pedriças e pedras de média dimensão, de cor castanho escura, e poucos materiais arqueológicos.
- UE3 camada de terra compacta, cor mais clara que a anterior, composta de pedras de média dimensão e com materiais arqueológicos do século I ao XX.

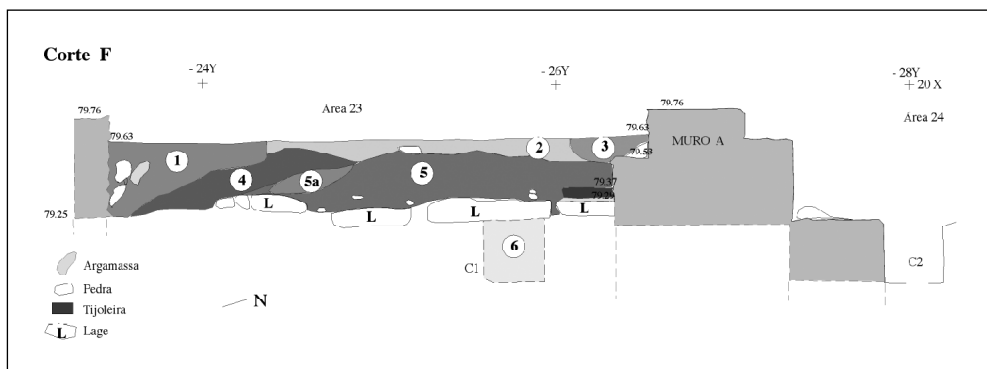
Esta área encontra-se profundamente revolvida, tendo sido escavada por Estácio da Veiga conforme é comprovado por uma cerâmica vidrada que encontramos no fundo da canalização, no sítio em que esta passa por baixo do muro do peristilo. A camada 2 corresponderá, certamente, a uma camada de desentulhamento efectuada por Estácio da Veiga. Da esquerda para a direita notam-se neste corte duas pedras do muro nascente da conduta de escoamento que vem do tanque e que corta a anterior conduta (C2) definida por muros de argamassa. A parte que está entre o muro sul desta conduta e o muro junto ao limite do corte foi preenchida por entulho constituído por pedras e terra.

Corte E (18X; perfil Este; corredor sul do peristilo ou área 23)



- UE1 camada de terra revolvida, cor castanha/sépiea, pouco compacta, composta por pequenas pedras e fragmentos cerâmicos.
- UE2 camada de terra revolvida, cor castanha, com pedras de pequena e média dimensão, delimitada por pequenos grãos claros arenosos.
- UE3 camada de terra compacta, cor castanha clara.
- UE4 camada de terra compacta, argilosa, de cor amarelada (eventualmente a única camada, para além da UE6, *in situ*).
- UE5 camada de terra compacta, cor castanha escura, com fragmentos cerâmicos e pedras de média dimensão.
- UE6 camada de terra pouco compacta, cor castanha escura, de textura areno-argilosa, com alguns materiais cerâmicos cronologicamente coerentes.

Corte F (19X; perfil Oeste; corredor sul do peristilo ou área 23)



- UE1 semelhante à anterior.
- UE2 semelhante à anterior.
- UE3 camada arenosa, de cor alaranjada, de origem recente.
- UE4 terra castanha escura, com textura semelhante à UE5, mas mais carbonatada.
- UE5 semelhante à anterior.
- UE5a bolsa de terra arenosa de cor mais clara que a UE5 e semelhante à 3 do corte descrito anteriormente.
- UE6 semelhante à anterior.

A UE 1 parece resultar de uma trincheira aberta em anteriores escavações efectuada para seguir o muro. A camada 3 do perfil Oeste corresponde a uma deposição de terras recente e que deve relacionar-se com um dos restauros do século XX. Teria sido um excedente de areia alaranjada utilizada nas argamassas então utilizadas. A camada 4 do perfil Este poderá ser a única que se manteve, se não intacta, pelo menos pouco mexida; sob ela conservaram-se intactas as lajes e poderá corresponder ao derrube de uma parede de taipa da *villa* 2. Todas as outras camadas, profundamente revolvidas, serão de formação posterior, distinguindo-se umas das outras muitas vezes por uma diferença de coloração. Poderão corresponder aos trabalhos agrícolas aqui efectuados por volta dos anos 30 do século XX, a julgar pelas moedas encontradas nas Ues 2 e 5. Para além da UE4 do perfil Este, a UE6 corresponde ao entulhamento da conduta, aquando do programa de construção da fase 3 da *villa*. Aqui não se verificam intrusões posteriores ao período romano, tendo sido recolhidos alguns fragmentos cerâmicos do mesmo espectro cronológico, incluindo um grande fragmento de uma taça Hayes 9a de terra *sigillata* clara A que datará essa fase de abandono da conduta da primeira metade do século II.

Espólio

O espólio exumado é extremamente diversificado, datando do século I ao século XX. Tal espectro cronológico reflecte os múltiplos revolvimentos das unidades estratigráficas quer por arqueólogos quer ainda por séculos de trabalhos agrícolas a que estes terrenos foram sujeitos. Com efeito, toda a área intervencionada foi profunda e repetidamente revolvida, pelo que se encontravam constantemente vidros, cerâmicas, *tesselae* e metais romanos e islâmicos embalados em terras juntamente com vidros cerâmicas e metais, nomeadamente arame farpado e latas, já do século XX. Duas moedas portuguesas encontradas, uma de 10 centavos de 1925 e outra de 20 centavos de 1927, apontam como mais provável os finais dos anos 20 ou inícios da década de 30 do século XX como o momento em

que toda esta área foi revolvida em profundidade, eventualmente para plantar vinha ou árvores de fruto que ali existiram até se dar início às escavações sistemáticas pelo Instituto Arqueológico Alemão. Uma moeda de 5 escudos de 1990 e uma caixa de aspirinas, testemunham a acção dessas escavações. Face a este quadro de profundo revolvimento, facilmente se depreende que a relação crono-estratigráfica do espólio com a estruturas associadas perderam o seu significado, dificultando a interpretação das estruturas exumadas e da evolução do sítio. Com o intuito de não perder qualquer tipo de informação, incluindo a que se refere aos revolvimentos mais recentes – também eles parte integrante da evolução histórica desta estação arqueológica – recolheu-se todo o espólio independentemente da época a que reportam. Claro que, por uma questão de gestão, sobretudo de tempo e espaço, foi recolhida apenas uma amostra do abundante espólio do século XX. Com efeito, equacionada a informação que este tipo de materiais da actualidade poderia fornecer no contexto dos achados, optou-se por guardar apenas um fragmento de um conjunto de muitos que pertenceriam a uma mesma peça, uma vez que a informação relevante que este tipo de peças nos fornece, prende-se, essencialmente, com o facto de testemunharem a intrusão em camadas arqueológicas de actividades humanas recentes. A dificuldade de guardar amostras dos muitos pedaços de arame farpado profundamente oxidado e, por vezes, a de estruturar-se, encontrado até às camadas geológicas, fez com que praticamente não figure entre o espólio exumado, apesar de estar frequentemente presente nas camadas exumadas.

O espólio arqueológico mais relevante em qualidade e quantidade pertence aos séculos I e II, altura em que a área intervencionada teria tido várias funções e sofrido vários programas de remodelação, com o conseqüente envolvimento de artefactos domésticos. Com a construção do peristilo, que ali hoje se vê, no século III, e remodelações posteriores no seguinte, o subsolo abaixo do piso de circulação não receberá mais material arqueológico, razão pela qual a maior parte do espólio pertença a uma fase em que a área do peristilo não estava ainda estabilizada do ponto de vista da construção do seu piso de circulação. Quando esse piso de circulação é rompido, as terras passam então a receber novos materiais, mas nesta altura muito mais tardios, a esmagadora maioria dos quais de épocas posteriores aos romanos.

O espólio exumado é o que se indica na Tabela 1.

Estruturas

Na área 23, correspondente ao corredor do peristilo, detectou-se no final da sondagem, a cerca de meio metro de profundidade, um pavimento empedrado feito de enormes lajes que assentavam numa cama de argamassa de cal. Boa parte das pedras deste laje-

ado foram posteriormente levantadas, tendo ficado alguns dos negativos das lajes marcados na argamassa. Algumas das lajes que se conservam, nomeadamente a que cobre a conduta junto ao perfil este da sondagem, apresenta um desgaste assinalável, o que aponta para que este lajeado tivesse funcionado como piso de circulação em determinado momento. Esse momento seria anterior a qualquer dos muros que se encontram na área escavada e que se sobrepõem ao empedrado que, aliás, se prolonga na área 24 até junto do tanque. Junto àqueles muros, correndo na diagonal em relação aos mesmos, existe uma conduta (C1) escavada no afloramento rochoso e com as paredes internas constituídas pontualmente por pedra. Também o fundo da conduta é o afloramento rochoso, ainda que, por vezes, existam alguns tijolos a nivelá-lo. Esta conduta é coberta pelas enormes lajes do piso de circulação que, como se disse, se estendem por baixo do muro interno do peristilo (muro A) e pela área 24. Já Estácio da Veiga (cf. Fig. 1) assinalou esta conduta C1 na sua planta, com o n.º 23''', e que, de acordo com essa mesma planta, sai de uma espécie de mãe de água, já na área 24, de onde sai também a conduta 23'' (= C2) que corre paralela ao muro interno do peristilo (muro A). A nossa intervenção permite confirmar que a directriz das duas condutas leva inevitavelmente a que se encontrem sensivelmente na zona da área 24 apontada pelo arqueólogo oitocentista. As duas condutas teriam, a partir da tal mãe de água para montante, continuação ao longo do muro interno do peristilo, conforme a intervenção de F. Teichner (1997) demonstra, prolongando-se para fora da área do peristilo na canalização que Estácio da Veiga identifica com o n.º 9''.

Ainda na área 23, sobre as lajes que cobrem a conduta, junto ao corte oeste, detectam-se restos de um pavimento de tijoleira que assenta sobre uma camada de argamassa de cal de 4 cm de espessura que se apoia nas referidas lajes. Em toda a área da sondagem este pavimento só se conservou aqui. O pavimento de tijoleira é rematado com argamassa a um muro que, tal como o piso, assenta sobre o lajeado. Esse remate continuaria revestindo o pano do muro à maneira de reboco de que restam vestígios. Trata-se de uma argamassa de cal e areia de cor ocre e de fraca qualidade. O muro interno do peristilo, num momento posterior, teria sido construído sobre o muro que delimita o piso de tijoleira, servindo-lhe de alicerce.

Ainda sobre o lajeado, mas do lado sul da sondagem, assentou o muro externo do peristilo. Este muro desenvolve-se, à maneira de soco, até à cota do piso de circulação do mosaico do século IV; ou seja, é composto por pedras não aparelhadas que se sobrepõem sem qualquer nexos tendo argamassa a reforçar a sua coesão. Não há dúvida que este muro, até àquela cota, era a parte dos alicerces que estariam cobertos pelas terras que, num momento posterior às fases do lajeado e da tijoleira, encheram o corredor até ao piso de circulação onde se assentou o mosaico. Nesta parte da sondagem não existem quaisquer indícios do pavimento de tijoleira que, caso chegasse até aqui, teria sido completamente destruído quando se construiu o muro.

Como vimos, o lajeado prolongava-se pela área interna do peristilo ou área 24 da planta de Estácio da Veiga, cobrindo uma conduta escavada no afloramento rochoso (C2) que corre paralela ao muro interno do peristilo. O fundo desta conduta, bastante profunda e repleta de materiais arqueológicos como *tesse/ae*, arames e cerâmicas de todas as épocas, é constituído pelo afloramento calcário sobre o qual se elevaram em pedra as paredes laterais do canal. As lajes que o cobriam já não existem, ainda que na parede sul da conduta se encontrem as extremidades de grandes lajes que, passando sob o muro do peristilo, constituem o prolongamento do lajeado da área 23. Sobre estas lajes, à semelhança do que ocorreu naquela área, foi edificado um muro. Tal como aquele, também este serve de suporte ao muro interno do peristilo, e apresenta vestígios de reboco com argamassa de cal. Fica por esclarecer se estes dois muros argamassados serão um só ou se efectivamente são duas estruturas independentes adossadas. Só desmontando um troço do muro interno do peristilo que os cobre parcialmente é que se poderá ter a certeza. De qualquer forma, a tratar-se de um único muro, ele teria uma espessura de 102 cm, o que será admissível caso estejamos, como já propôs F. Teichner (1997), perante a sapata de uma parede em taipa.

Na canalização que corre paralela a este grande muro ou sapata desemboca, em grande declive, outra conduta que vem do lado norte, também escavada no substrato rochoso. Pouco profunda, as suas paredes são delimitadas por fiadas de pedras ou pelo afloramento onde é escavada, sendo coberta por lajes de que restam alguns elementos. A cerca de 1, 20 m da parede do tanque bifurca em dois tramos, aqui cobertos integralmente por lajes: um que segue para norte até encontrar a parede do tanque (C3); outro que inflecte para nordeste até encontrar a mesma parede (C4). Ambas teriam sido cortadas pela construção do tanque. A parede exterior do tanque aparece revestida a reboco o que, tendo sido construída num momento posterior ao das condutas, só se pode explicar pela utilização de cofragens onde se aplicou argamassa à qual se justapuseram as pedras do muro do tanque. Para a construção do tanque foi escavado previamente um cabouco no afloramento rochoso, subsistindo hoje uma folga, preenchida por terra e pedras de pequenas e médias dimensões, entre aquele muro e o corte efectuado no afloramento. A referida cofragem, a ter existido, ocupou este interstício, hoje ocupado com terras ligeiramente mais escuras (UE 4 do corte A), reflectindo uma maior carbonatação dos sedimentos.

É provável que o lajeado da área 23 não se estendesse a todo este espaço, uma vez que o afloramento, muito irregular, não foi nivelado, apresentando-se em diversos pontos acima da cota das condutas o que inviabiliza um lajeado semelhante à área 23. Talvez que apenas as condutas fossem cobertas com lajes, acabando por se nivelar toda a área com terras, formando um pátio térreo que ocuparia pelo menos os dois últimos metros antes da parede do tanque, onde, devido às características do afloramento descritas, era inviável a aplicação de um lajeado.

Ainda na área 24, na parte sudoeste, foi feita uma sondagem com o intuito de ver a relação da conduta C2 com a canalização que escoava a água do tanque e cujas directrizes levavam a que se encontrassem naquele ponto. Já Estácio da Veiga tinha sondado esta área atribuindo-lhe na sua planta o n.º 27 e, à conduta oriunda do tanque, o n.º 29 (cf. Fig. 1). Mais do que uma conduta esta última estrutura, pela sua largura, altura, e capacidade de caudal, é uma levada. Com as suas paredes construídas em pedra e tijolos, o fundo é constituído pelo afloramento rochoso, a espaços nivelado com a aplicação de *lateres*. A parede nascente desta conduta/levada corta a conduta C2 até encontrar a sua parede sul, aproveitando a partir de então o seu canal. Este prossegue por baixo do muro interno poente do peristilo, onde se abre uma grande embocadura que, já debaixo daquele muro, se estrangula acentuadamente. O espaço entre a parede sul da conduta C2 e o muro interno sul do peristilo é cheio com pedras e terras à maneira de enrocamento. Aliás, a base ou alicerce deste muro é, aqui, em si mesmo, um enrocamento, contrastando com a regularidade do aparelho das paredes que delimitam a levada que vem do tanque.

Finalmente, ainda na área 24, no lado nascente do peristilo, montámos uma quadrícula entre a parede do tanque e o poço que ali se vê com o intuito de tentar obter algum tipo de informação quanto à cronologia do poço e ainda verificar algumas pedras que assomavam à superfície junto à parede do tanque. Esta sondagem depressa foi abandonada uma vez que se verificou que não obteríamos qualquer resultado com vista a esclarecer o primeiro objectivo enunciado, já que as terras que contornavam o poço pelo lado poente resultam de uma mistura das camadas geológicas com as arqueológicas.

Com efeito, nesta parte o nível actual já está abaixo do nível romano, pelo que a estratigrafia que se poderia relacionar com aquela época há muito que desapareceu.

Já T. Hauschild tinha constatado isso mesmo ao fazer um corte (n.º 44 da sua numeração) junto a este poço, onde observou ainda que a terra tinha sido escavada até pelo menos uma profundidade de 50 cm em tempos modernos (Hauschild, 1983, p. 4).

O revolvimento desta zona deverá corresponder ao cabouco aberto para se fazer o poço que, assim, poderá com toda a plausibilidade relacionar-se com a casa rural. As características do poço (nomeadamente o seu diâmetro), a posição que ocupa como que obstruindo a fachada monumental da ala nascente do peristilo, a inclusão no seu aparelho de materiais romanos (nomeadamente um troço de fuste de coluna a cerca de 2 metros de profundidade), apontam para uma cronologia do poço em conexão com as actividades da casa rural. Outros argumentos para negar uma cronologia romana ao poço poderão ainda aduzir-se, nomeadamente o facto de nas suas proximidades passar a conduta de abastecimento de água ao tanque com capacidade para transportar um caudal assinalável, e ainda por o anel da parte superior do poço utilizar materiais modernos, a partir do momento em que acabam os grandes silhares com que é construído. Mesmo que parte destes materiais modernos correspondam a reconstruções recentes da boca do poço, alguns

deles, por se encontrarem a um nível abaixo do piso de circulação que o servia, deverão pertencer à fase da sua construção.

Na parte poente desta quadrícula que abrimos junto ao poço, encostado ao muro nascente do tanque, só se pôs a descoberto o alinhamento de pedras que ali assomavam à superfície. Trata-se de um conjunto de grandes lajes que pertencem à cobertura de uma conduta que abastecia o tanque. Esta canalização desemboca numa abertura que se abre naquele muro do tanque pelo que é, obviamente, contemporânea do tanque. Ela toma a directriz da conduta 9" de Estácio da Veiga, de onde se deduz que quando a condutas C1/C2 das áreas 23 e 24 são abandonadas a água que chegava da parte nascente da *villa* à zona do peristilo pela referida conduta 9" é encaminhada por aquela canalização para o tanque. É, pois, a construção do tanque que leva ao abandono daquelas condutas, passando a partir de então a funcionar como uma enorme mãe-de-água que abastecerá as zonas que lhe ficam a poente, como é o caso das termas.

Interpretação

A interpretação do conjunto dos dados arqueológicos da área escavada é particularmente difícil; as múltiplas escavações efectuadas na *villa* desde o século passado de que resultaram apenas registos lacunares, quando os há, as profundas alterações que o espaço sofreu ao longo de uma constante continuidade de ocupação nos últimos dois milénios e, finalmente, o facto dos estratos estarem profundamente revolidos em resultado de escavações arqueológicas e de práticas agrícolas, dificultam sobremaneira qualquer tentativa de interpretação das estruturas exumadas. Ainda assim, e tendo sempre presente todas estas dificuldades, é preferível traçar um quadro plausível da evolução histórica do espaço do que nada fazer, chamando desde já a atenção para o facto deste quadro ser necessariamente provisório e que não vai além do campo da plausibilidade e verosimilhança.

No seu conjunto, a intervenção realizada permitiu identificar as primeiras fases de construção da *villa* na área sul do peristilo. A esmagadora maioria dos materiais datáveis enquadram-se na segunda metade do século I / primeiro quartel do II, e constituem, a par da correlação estratigráfica das várias estruturas, dos poucos dados relativamente seguros recolhidos. É certo que aquele espólio datável do Alto Império aparece embalado em sedimentos profundamente revolidos onde é constante a presença de artefactos do século XX e de outras épocas; porém, não podemos deixar de atribuir significado relevante ao facto da maior parte dos materiais romanos detectados corresponderem ao período alto-imperial, o que interpretamos como artefactos que, não estando *in situ*, estarão situados nas proximidades dos sítios onde se encontravam originalmente. Podemos assim estimar diversos programas e fases de construção para a área intervencionada.

1)

A primeira fase detectada, que situaríamos, o mais tardar, em meados do século I, corresponde a um pátio parcialmente lajeado e que se encontra bem visível na sondagem efectuada no corredor do peristilo (área 23) e que se prolongaria até à área aberta do peristilo (área 24). Naquele corredor as lajes assentavam sobre uma camada de argamassa. O levantamento posterior de algumas dessas pedras deixou na argamassa o seu negativo. Na altura em que se construiu o lajeado rasgou-se uma conduta de água (C1 = 23'' na planta de Estácio da Veiga) que é coberta por aquelas lajes e que viria da parte nascente, continuando previsivelmente o canal de abastecimento de água que Estácio da Veiga já identifica com o n.º 9'' na sua planta a sudeste do tanque. Na área do peristilo outras condutas foram abertas no substrato rochoso; uma que corre de nascente para poente junto ao muro A do peristilo (C2 = 23'') e que seria coberta pelo lajeado referido que se prolonga até aqui; mais duas abertas no substrato rochoso (C3 e C4), e que virão a ser cortadas pelo tanque, indo entroncar na C2 depois de se terem fundido num único canal². O substrato calcário-argiloso foi afeiçoado para se cavar o canal das duas últimas condutas igualmente cobertas por grandes lajes semelhantes ao do lajeado da zona do corredor do peristilo (área 23). Ainda que inicialmente tenhamos admitido a hipótese deste lajeado se prolongar por toda esta área 24, concluimos que, com maior probabilidade, cobrisse apenas a zona da conduta C2, uma vez que na área onde correm as condutas C3 e C4 não existe o nivelamento do substrato calcário-argiloso o que inviabiliza o prolongamento daquele lajeado até ao tanque. Assim é possível que esta área 24 tivesse lajes apenas a cobrir as condutas, sendo então nivelada com terras que cobriam também aquelas lajes³. Teríamos assim, em pleno século I, a área sul do peristilo ocupada com um pátio, parcialmente lajeado, sob o qual corriam uma série de condutas que transportavam a água à zona mais ocidental da *villa*, onde provavelmente já existiriam umas termas. Talvez que com esta fase se possa relacionar “uma camada sólida de pedras e argamassa” que apareceu “debaixo de fundações” no corte 89 de T. Hauschild,

² Aparentemente uma destas condutas será o prolongamento da canalização que F. Teichner encontrou na ala norte do peristilo pois que se encontra no mesmo enfiamento (Teichner, 2001a). Na altura, o arqueólogo alemão explicou a presença daquela conduta ali e que desaparece subitamente junto à parede do tanque, não como uma estrutura que teria sido cortada pela construção do tanque, mas como um troço da canalização que passa junto ao canto noroeste do tanque. Ora, tal explicação não faz, em nosso entender, muito sentido, já que obrigaria a referida conduta a fazer um ângulo de mais de 90° junto ao tanque por forma a inflectir e a recuar para apanhar a directriz da canalização do noroeste do tanque. Além do mais, não há registos de qualquer conduta nessa direcção, pois que chegada ao tanque a conduta desaparece pura e simplesmente, nada indicando “que este canal havia tido na época romana uma entrada no tanque do peristilo” (Teichner, 2001a, p. 10). Obviamente terá sido cortado pela construção daquele grande reservatório.

³ Isso mesmo parece poder deduzir-se da sondagem que F. Teichner fez alguns metros para nascente e onde só regista lajes sobre a conduta que também por ali passa (Teichner, 1997). Note-se ainda que as lajes junto ao tanque não apresentavam indícios de terem sido utilizadas como piso de circulação uma vez que não se encontram desgastadas como as da área 23, sendo as juntas colmatadas com pequenas pedras, ao contrário desta última área onde as lajes se tocam.

situado no canto noroeste do peristilo (Hauschild, 1987), e que é detectada também por F. Teichner (2003, pp. 110-112).

Desta 1.ª fase de construção poderá ainda ser “um canal estreito, simples, com uma cobertura de pedras e fragmentos de tijolos” que T. Hauschild (1983, p. 4) encontrou no seu corte 43 a cerca de 1 metro a nor-nordeste do poço. Este canal que tomava a direcção do tanque do peristilo foi classificado como um esgoto. Outro canal em tudo semelhante aos C1 e C2, também entalhado no substrato rochoso e “com cerca 0,20 m de largura e 0,40 m de profundidade, cujas paredes laterais eram formadas de pequenas pedras assentes em terra” que o mesmo arqueólogo encontrou no seu corte 69 situado na parte leste do peristilo (Hauschild, 1986, p. 4), poderá pertencer também a este mesmo contexto cronológico. A conduta, da qual resta apenas uma pedra de cobertura, teria sido abandonada quando se lhes retirou as restantes pedras que a cobriam e se construiu um mosaico a preto e branco, sob o pavimento de mosaico dos peixes que ali se vê (*ibidem*). Este abandono, que com toda a probabilidade foi contemporâneo do abandono das condutas C1, C2, C3 e C4, pode corresponder à fase 3 da *villa*, altura em que se construiu o pavimento de mosaico, também a preto e branco, identificado por F. Teichner na zona 24 (Teichner, 1997)⁴.

2)

Numa segunda fase⁵, talvez situada em finais do século I, constroem-se no pátio ou em torno dele divisórias habitacionais. Com efeito, tal é sugerido pelo facto de na área do corredor do peristilo se ter colocado sobre o lajeado um pavimento de tijoleiras (*lateres*⁶) que pela aparência das pastas seriam de origem local (pastas vermelhas rosadas, bastante plásticas, com disposição laminar, e que lembram as argilas existentes no filão que por aqui passa e que ainda hoje é explorado intensamente na zona de Moncarapacho / Santa Catarina). Este pavimento remata com argamassa de cal num muro que é construído sobre o lajeado que cobre a conduta C1, argamassa essa que continua pela parede acima, à maneira de reboco.

⁴ Este arqueólogo, aproveitando, em 1999, o levantamento de parte dos mosaicos então conservados nas divisórias a nordeste do peristilo, detectou por baixo daqueles pavimentos “estruturas e camadas intactas do séc. I d.C.” de onde destaca “uma construção redonda, escavada na rocha com diversas camadas de entulho, nos quais foram encontrados fragmentos típicos da época flávia, em terra sigillata e vidro” (Teichner, 2003, p. 110). Talvez que aquela estrutura redonda correspondesse à 1.ª fase da *villa* e os entulhos a alterações ocorridas na fase seguinte.

⁵ Apesar de nos terem surgido algumas dúvidas quanto ao facto de algumas estruturas, nomeadamente um piso de tijoleiras que assenta no lajeado, pertencerem ou não ao mesmo programa de obras anterior, acabámos por considerar que se tratam de programas diferentes no tempo, uma vez que algumas lajes que teriam sido cobertas pelo pavimento de tijoleiras apresentam um grande desgaste, indiciando terem servido de piso de circulação.

⁶ A dimensão dos *lateres* é de 29 x 21 cm o que *grosso modo* os aproxima do *bessalis*, tijolo onde a largura é cerca de 2/3 do comprimento que é igual a um pé (Brodrigg, 1987, p. 34)

Outra parede, supostamente independente desta⁷, já na área 24 e arrancando das lajes que bordejam o muro da conduta que ali passa (C2), é igualmente levantada sendo rebocada tal como a sua congénere. Aqui, devido aos profundos revolvimentos, não temos quaisquer vestígios de pavimento, mas na quadrícula 14X/-27Y, onde esta parede continua e se regista também o tal reboco em argamassa, detectou-se um nível de pedriças e argamassa que poderia ter servido de lastro a um pavimento de tijoleiras, que se detectaram no local, ainda que deslocadas e fragmentadas⁸. Aparentemente, será a partir deste nível que arranca o reboco da parede. Esta fase de construção de divisórias pavimentadas a ladrilho teria ocorrido em finais do século I, podendo corresponder à camada 3 do perfil nascente da sondagem que F. Teichner fez nesta área, onde recolheu um As de Domiciano (Teichner, 1997).

3)

Ainda na primeira metade do século II, provavelmente no seu segundo quartel, um programa de obras altera significativamente todo o espaço. As condutas que corriam por baixo do lajeado e, posteriormente, das divisórias da fase II, são abandonadas, implicando, necessariamente, um novo desenho para a circulação de água que abastecia as termas a poente. Ter-se-iam reaproveitado algumas lajes do antigo pavimento e da cobertura das várias condutas que acabam preenchidas por sedimentos da época. Tal está bem atestado na conduta do área do corredor do peristilo (C1) onde os sedimentos que a enchiam embalam um espólio cronologicamente coerente, constituído por um conjunto de dezena e meia de cerâmicas comuns de aparência romana, dois fragmentos de *terra sigillata* hispânica e um grande fragmento de bordo e bojo (que se partiu em 5 pedaços) de um vaso de *terra sigillata* africana da forma Hayes 9A com uma cronologia datável de 100 a 160 (Cf. *Atlante*: 19, 27) Note-se que esta forma cerâmica é típica do reinado de Adriano, durante o qual várias *villae* do sul, como S. Cucufate ou Torre de Palma, sofreram profundas remodelações reflectindo o progresso que o sudoeste peninsular atravessava fruto das medidas de privilégio que o imperador hispânico atribuiu à região. É desta fase 3 o pavimento de mosaico a preto e branco que F. Teichner (1997) detectou sob o pavimento de *opus signinum* da área 24. Deverão ainda pertencer a este mesmo momento construtivo o pavimento de mosaico a

⁷ Dizemos “supostamente” uma vez que o muro que virá a definir o peristilo e que assenta sobre estas duas paredes não permite ter a certeza de serem duas estruturas independentes, ainda que tal se possa admitir, uma vez que caso assim não fosse teríamos uma única parede de uma espessura enorme e rebocada pelos dois lados. A ser uma única parede ela seria justificada, como propõe F. Teichner (1997) por ter servido de sapata a um grosso muro de taipa.

⁸ A estratégia que levou à abertura desta sondagem, junto ao pavimento de *opus signinum*, baseou-se no princípio de que esta área não teria sido tão revolvida como a restante. Com efeito, uma concentração de um empedrado revolvido que aparentava ter funcionado como o lastro daquele pavimento indicava que o revolvimento teria sido apenas superficial. Tal não viria a verificar-se ainda que o revolvimento não tivesse sido tão profundo quanto nas restantes áreas.

preto e branco, já referido, que T. Hauschild detectou sobre uma antiga conduta e sob o pavimento de mosaicos dos peixes na ala leste do Peristilo (corte 69). Ambos os mosaicos têm as mesmas características, correspondendo à fase de abandono das condutas.

Poderíamos, assim, admitir que durante a época de Adriano ou pouco depois a *villa* do século II sofreu um programa de obras que na área intervencionada se traduziu pelo abandono das condutas e das divisórias com pavimentos laterícios, construindo-se novas divisórias ou até um pátio/peristilo com pavimentos de mosaicos a preto e branco, em torno de um tanque por onde se passou a fazer a circulação da água em direcção à zona poente da *villa*⁹. A presença na *villa* de um busto do imperador Adriano e outras estruturas testemunhariam este programa construtivo. Claro que o pátio ou peristilo e tanque então edificadas não seriam os que ali se vêem, tendo nessa altura dimensões mais modestas dos que aquelas que irão assumir posteriormente. Talvez que o muro que corre paralelamente ao tanque na ala norte do peristilo (estrutura A na planta de Teichner, 1997) constituísse a delimitação desse primeiro peristilo e que correspondia na ala sul a um mesmo muro de que resta apenas o cabouco visível no perfil de F. Teichner (1997). Ambas as estruturas distam cerca de 2,5 m do tanque central, e limitam pavimentos de mosaico ou de *opus signinum*. Ainda que o sistema de circulação de águas implique a construção do tanque nesta fase, é provável que, tal como o pátio ou peristilo então existente, assumisse uma configuração diferente, que desconhecemos, mas que corresponderia a uma estrutura mais pequena. Com efeito, a construção do tanque, pelo menos com as actuais dimensões, deve ser situada no século III em relação directa com a renovação total da área termal, a construção do novo peristilo e a expansão da área habitacional para a zona da casa rural (Hauschild e Teichner, 2002).

4)

Será no século III, provavelmente no 3.º quartel, que se iniciará um programa de renovação da *villa* que lhe dará, em termos gerais, a configuração que apresenta hoje, apesar das remodelações e da nova vaga construtiva do século seguinte. Alarga-se o peristilo, renovam-se as termas, expande-se a área residencial para zonas até aí destinadas a actividades produtivas, embeleza-se a *villa* com múltiplos *ornamenta*, como pavimentos de mosaico, estuques pintados ou esculturas. Tendo em conta as vicissitudes por que o Sudoeste da Hispânia passou no último terço do século II e inícios do III¹⁰, é de esperar que só por volta de meados do século é que estivessem reunidas as condições de paz e

⁹ Nas *villae* das províncias ocidentais do Império, a organização da *pars urbana* em torno de um peristilo é sobretudo característica de finais do século I / início do século II (Gros, 2001, p. 334).

¹⁰ Essas vicissitudes, em parte aludidas na *Vita Marci* (22,11) e na *Vita Severi* (11,4), referem-se às invasões dos *Mauri*, a sublevações populares e a dissidências políticas como a de Clódio Albino (talvez ainda a cataclismos naturais), que afectaram sobremaneira o Sudoeste da Hispânia (cf. Montenegro, 1995 e Sillières, 1997).

prosperidade para se proceder a tão grandes obras. Poderíamos ver no busto de Galieno, um testemunho e um elemento que teria feito parte dos novos *ornamenta* com que a *villa* é apetrechada. Note-se que já T. Hauschild e F. Teichner (2002) situam nos meados do século essa grande vaga construtiva que vai alargar, entre outras, a área residencial em sacrifício do lagar de vinho. Nós mesmos, na curta intervenção que fizemos na área daquele lagar no âmbito do acompanhamento da recuperação da casa rural, constatámos, através da presença de *terra sigillata* clara C, que o mesmo teria sido abandonado em meados do século. Também F. Teichner (1997) associa esta fase a um grande conjunto de numismas de Galieno e *Divus Claudius* II que identificou.

Durante esta vaga construtiva é alargado o peristilo que assume a configuração que hoje tem, nomeadamente com a construção dos muros externos que o delimitam. A ala sul do actual peristilo é construída aterrando os níveis anteriores, passando o nível de circulação a fazer-se às cotas de hoje. O muro externo do peristilo, que limita pelo sul a sondagem que fizemos na área 23, parece apontar para esta interpretação que, aliás, já tinha sido avançada por F. Teichner (1997) baseado em outros dados. Com efeito, este muro é construído à maneira de enrocamento ou de sapata até ao nível do pavimento de mosaico, a partir de onde é construído um muro regular. Aquele alicerce é construído numa fase posterior ao arranque do lajeado e do entulhamento da conduta C1 o que coloca o seu *terminus post quem* em meados do século II. Note-se que este muro assume a configuração de parede à cota que corresponderá a um pavimento de mosaico com *tesselae* pretas, brancas, vermelhas e amarelas, que constituem a esmagadora maioria dos muitos litros de *tesselae* que recolhemos nas áreas 23 e 24. As *tesselae* deste primeiro mosaico do corredor do peristilo, de que parecem restar ainda alguns fragmentos sob o mosaico do século IV do qual se conservam alguns tramos, diferem das deste mosaico mais recente não apenas pela ausência de *tesselae* de cor rosa e cinzentas, mas sobretudo por serem de menor dimensão¹¹.

Da parte norte desta ala sul do peristilo constrói-se, sobre os muros anteriores, uma extensa estrutura (muro A) de onde sobressaem, na metade nascente daquela ala, 5 colunas laterícias assentes em bases quadrangulares de pedras. Este muro, que não deveria subir muito, e as colunas que nele se imbricam, eram totalmente revestidas a estuque o que dava coesão ao conjunto¹². Assim, nesta metade onde ocorrem as colunas espaçadas no muro, teríamos um pórtico, onde as colunas são acompanhadas a partir da sua base pelo muro até uma altura que desconhecemos, mas que permitiria ver, para quem estives-

¹¹ No relatório desta intervenção entregue ao IPA e ao IPPAR constam várias fotografias a cores onde se incluem imagens destes dois tipos de pavimento.

¹² Na *villa* de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba) as colunas do peristilo eram estucadas de forma a imitarem o mármore. Esta *villa* tem aliás algumas semelhanças com Milreu; para além de um peristilo mais ou menos central possui, como Milreu, um átrio numa sequência *atrium*-peristilo à semelhança da *domus* clássica (Gros, 2001, pp. 336-337).

se sob o pórtico, o tanque e pelo menos parte da área aberta do peristilo. Já a parte do peristilo onde F. Teichner encontrou o mosaico (correspondente ao primeiro peristilo) hoje coberto pelo pavimento de *opus signinum* que ali se vê, deveria ficar ofuscada pelo muro para quem circulasse na galeria porticada. Sobre esse pavimento de *opus signinum* que cobre o antigo mosaico caíam as goteiras do telhado do novo pórtico.

Em relação à metade oeste do corredor sul do peristilo, não encontramos quaisquer indícios de que tivesse colunas. Com efeito, um dos objectivos pretendidos com a abertura da sondagem nesta área era procurar a base de uma sexta coluna que, a existir, deveria estar colocada entre o muro como, aliás, as restantes¹³. Assim, afigura-se-nos como bastante plausível a ala sul do peristilo possuir apenas um pórtico de 5 colunas na sua parte nascente, sendo a restante parte uma galeria fenestrada (parede onde se abriam grandes janelões) ou então uma galeria ou pórtico assente em pilastras ou colunas que não arrancavam do pavimento com o muro mas que se apoiavam no seu topo que, como vimos, não subiria muito.

Para além desta colonata, encontram-se apenas vestígios de colunas na ala nascente do peristilo, que serão posteriormente substituídas por colonata de mármore. Assim, parece-nos de admitir que só parte do peristilo seria porticado com colunas, precisamente a que está mais directamente relacionada com as partes mais nobres (íntimas ou públicas) da casa¹⁴.

Nesta fase constroem-se as divisórias a nascente e norte do peristilo onde aparecem pavimentos de mosaico cobertos por outros pavimentos do século IV. É o caso, por exemplo, do pavimento musivo que se vê na divisória, junto à casa rural, que se segue ao canto nordeste do peristilo (corte 39 de T. Hauschild), onde existiu um outro pavimento a cobri-lo (Hauschild, 1983). Também as duas fontes que bordejavam a entrada do *triclinium* fronteira ao tanque poderão ser desta altura, sendo posteriormente abandonadas e cobertas com mosaico. A “levada” que continua o escoamento do tanque será ainda desta altura, uma vez que ela se relaciona directamente com o canto sudoeste do muro do peristilo e que, já junto ao tanque, será posteriormente obliterada pelo canal de escoamento do tanque, quando um novo jogo cénico de circulação de água é adoptado (ver *infra*).

¹³ Já Estácio da Veiga só regista estas colunas (cf. planta).

¹⁴ Note-se que as metades poentes das alas sul e norte do peristilo não dão para *cubicula* (quartos), mas para divisórias não pavimentadas a mosaicos e de funcionalidade desconhecida. Percorrendo estas mesmas metades do peristilo, acedia-se directamente às termas e, ao que parece, ao lagar de azeite. O contacto directo das partes frumentárias, como os lagares e o *horreum* onde se guardavam os cereais, com a parte mais nobre da casa nada tem de estranhar face à mentalidade romana e à que se advogava para este tipo de sítios produtivos (vejam-se, por exemplo, os preceitos de Catão, Varrão ou Columela). Era motivo de orgulho para qualquer proprietário de uma *villa* poder conviver e mostrar aos seus convivas a prosperidade dos seus domínios traduzida em adegas e celeiros bem recheados. Aliás, esta promiscuidade espacial entre a *pars urbana* e as áreas de trabalho estão bem presentes em grandes *villae*, como por exemplo a de Settefinestre ou na de *Lucus Feroniae* (Gros, 2001, pp. 279-287).

5)

No século IV um novo programa de obras vai incidir essencialmente na fachada da *villa* com a construção do templo. As termas serão remodeladas, repavimentando-se as suas divisórias. Os restantes compartimentos da casa serão de novo pavimentados, deixando-se, frequentemente, os pavimentos antigos. Parece que tal não aconteceu no peristilo onde se retira o velho mosaico do século III para receber novo pavimento musivo, composto por *tesselae* de maior variedade cromática e mais pequenas, não se alterando assim a cota do pavimento do século III. O que se vai alterar é a configuração do pórtico: as colunas da ala sul deixam de existir e as da ala nascente são substituídas por grossas e imponentes colunas de um tipo de mármore proveniente do Alentejo que será também aplicado nas cancelas do templo. O desaparecimento da colunata da ala sul está bem documentada, vendo-se claramente uma justaposição ao antigo muro e colunas estucadas de uma fiada de pedras que as entaiparão. Provavelmente a solução adoptada correspondeu a um desenho arquitectónico que alargou à totalidade das alas norte e sul a galeria fenestrada ou galeria porticada com meias colunas ou pilastras que até aí só existia nas suas metades poente. O peristilo passará assim a ter um pórtico com uma colunata plena apenas na ala nascente, de onde se acede directamente à parte mais nobre da casa como se vê pelas divisórias anexas e tipo de mosaicos que as pavimentam. Esta solução não é inédita, testemunhando-se, por exemplo, em Óstia na *domus dei Pesci* e na *domus delle Colonne*, onde os pilares e vãos do pórtico do peristilo inicial são posteriormente preenchidos e fechados por paredes de tijolo, convertendo o pórtico em corredor ou ambulacro fenestrado (Alarcão, 1985, pp. 30-31).

Nesta fase tardia poderão ter ocorrido significativas transformações no canto sudoeste do peristilo, nomeadamente com a circulação da água a partir do tanque. Já na fase anterior a água escoava pela tal levada, assim designada pelo facto de ter 70 cm de largura e cerca de 1 metro de profundidade e que poderia ser aberta. Todavia, no troço junto ao tanque aquela levada é destruída, nomeadamente pelo derrube da sua parede nascente, cujos entulhos vão encher o leito da levada deste troço, servindo de base a um pequeno tanque que, num formato invulgar, abraçava o canto sudoeste do tanque grande. Neste troço da antiga levada¹⁵ deixa-se, porém, um estreito canal, coberto com argamassa, que escoava as águas do fundo do tanque para o restante trecho da levada. Sobre este trecho da levada, figurava, pois, o lado do pequeno tanque que, podemos supor aberto lateralmente por forma a deixar cair em cascata a água que, do tanque grande passava para o pequeno pelo princípio dos vasos comunicantes. Obtinha-se, assim, em pleno peristilo, um jogo cénico aquático constituído pela visão e som idílicos de uma cascata de água. Não

¹⁵ A pequena quadrícula que aqui abrimos já tinha sido escavada nos anos 90 pelo que não voltámos a fazer o levantamento das estruturas.

esqueçamos que o caudal que chegava da parte da aldeia de Estoi ao tanque era significativo, permitindo manter um constante curso de água corrente. Esta água poderia ser recolhida da levada pelo lado do peristilo, para regar os vasos de plantas que certamente ali existiriam. Teríamos assim a obtenção de um cenário digno do imaginário que qualquer romano culto faria do Elyseu, transposto para o interior da casa onde se procurava retratar a natureza na sua pureza.

Claro que este cenário aqui reconstruído é muito conjectural face aos dados que se nos oferecem, mas face a esses mesmos dados não deixa de ser plausível.

Considerações Finais

A intervenção efectuada permitiu avançar um pouco no conhecimento da evolução da *villa* de Milreu, nomeadamente no que respeita às suas primeiras fases. O cruzamento das novas informações com dados de intervenções anteriores permite traçar um quadro evolutivo para aquele espaço construído ao longo dos primeiros séculos da nossa Era, à semelhança, aliás, do que já tinha feito F. Teichner, em 1997. Subsistem, todavia, muitas dúvidas e questões por responder, pelo que aquele quadro é ainda muito conjectural em alguns dos seus aspectos. Teríamos assim uma primeira fase em que a *villa* de Milreu se organiza em torno de um pátio ou átrio lajeado que, numa segunda fase, seria parcialmente ocupado com divisórias pavimentadas a ladrilhos. Uma terceira fase altera este cenário criando-se um tanque, eventualmente inserido num primeiro peristilo com pavimentos de mosaico. Numa fase seguinte todo o espaço vai sofrer profundíssimas modificações, alterando-se a sua topografia, expandindo-se a área residencial e do peristilo, que voltará ainda, numa quinta fase, a ser remodelado.

As cinco fases detectadas e/ou interpretadas baseiam-se essencialmente nos seguintes dados:

- 1) condutas abertas no subsolo rochoso; lajeado assente em argamassa ou no afloramento rochoso afeiçoado; desgaste do lajeado resultante de ter funcionado como piso de circulação; predominância de cerâmicas dos séculos I/II.
- 2) Piso de tijoleiras assente sobre o lajeado anterior; muros assentes sobre as condutas e lajeado anteriores; pisos de tijoleiras a rematarem naqueles muros; predominância de cerâmicas dos séculos I/II; moeda de Domiciano.
- 3) Abandono e destruição das condutas e piso de tijoleiras; levantamento e reaproveitamento de lajes e tijoleiras dos pisos anteriores; construção a cotas superiores de pavimentos de mosaico bicromáticos, simples; novas condutas em conexão com o tanque grande; cerâmicas do século II.

- 4) Muro estucado assente sobre os muros de 2) com colunas imbricadas e igualmente estucadas; alicerce de muro que tem como limite pavimentos de mosaico policromáticos do século III à cota da base daquelas colunas e muro; pavimentos de mosaicos policromáticos cobertos, na fase seguinte, por novos pavimentos; mosaico anterior (da fase 3) coberto por pavimento de *opus signinum* que remata no muro estucado; predominância de cerâmicas do século III; conjunto de numismas de Galieno e Cláudio II.
- 5) Muro e colunas estucadas entaipadas pelo alargamento do muro; mosaicos de maior variedade policromática, temática e de *tesseleae* mais pequenas que se sobrepõem aos anteriores; novas colunas de mármore em relação com os novos mosaicos; pequeno tanque adossado ao grande; conduta ou levada em conexão com o tanque grande parcialmente obliterada.

Esta linha interpretativa questiona a existência de um peristilo totalmente rodeado com um pórtico de colunas na *villa* dos séculos III/IV, pelo simples facto dos vestígios dessas colunas estarem totalmente ausentes em parte significativa do espaço. Com efeito, os dados disponíveis não suportam a ideia de um quadripórtico em torno do tanque central. Mesmo sabendo que a parte oeste do peristilo foi muito destruída, estando actualmente abaixo do nível de circulação romano, era de esperar que esses vestígios de colunas estivessem inscritos pelo menos no muro que conserva as restantes. Assim, boa parte do corredor do peristilo continuaria com a cobertura da galeria a apoiar-se não em colunas inteiras, mas ou em curtas pilastras/colunas assentes sobre um muro que se elevava bem acima do pavimento, ou mesmo directamente nesse muro onde se abriam grandes janelões. Nem sempre o pátio aberto ou *viridarium* teria que ser rodeado por um pórtico assente totalmente em colunas. É o que se passa na casa do Bicentenário, ou ainda na casa *dell atrio a mosaico* em Herculano. Se a primeira (Alarcão, 1985, pp. 14, 21; Gros, 2001, p. 102) apresenta um pórtico de colunas em apenas dois lados (tal como a casa do século III “do cortejo de Vénus” em Volubilis) a última não tinha qualquer colonata mas antes um pórtico fenestrado, ou seja um muro onde se abrem amplas janelas que envolvem uma área central descoberta (Alarcão, 1985, p. 14). Esse muro interrompe-se quase em frente de uma escadaria que dá acesso a um átrio mais elevado, fazendo lembrar o esquema arquitectónico de Milreu.

A assunção de que a ala norte do peristilo não seria um pórtico aberto mas uma galeria fenestrada, enquadra-se melhor na funcionalidade daquela ala enquanto acesso ao lagar de azeite escavado por Félix Teichner. Esse acesso fazia-se através de uma rampa que permitia ligar directamente a parte central da *domus* àquela área de trabalho (Teichner, 2001b, p. 193). Parece, pois, que a partir da ala nascente e do seu grandioso pórtico de colunas de mármore se poderia aceder ao referido lagar, pela ala norte do pe-

ristilo, ou às termas e *triclinium*, percorrendo a ala oposta. É nos lados menores do peristilo que se concentram, nesta última fase, as partes mais monumentais da casa, que são perfeitamente axializadas entre si tendo como que a ligá-las o espelho de água do tanque central. O peristilo de Milreu não nasce, pois, de um projecto concebido de raiz para aquele espaço mas antes resulta de uma evolução que procura em determinado momento valorizar o *triclinium* na relação com o conjunto. Desse esforço resultou não um peristilo rectangular mas pseudo-rectangular ou trapezoidal onde a axialidade se pauta por uma linha que, a partir do *triclinium*, permite ter um perfeito e harmonioso campo de visão sobre o tanque e a colonata da ala nascente¹⁶.

Com a presente intervenção, ainda que não se responda de forma cabal às questões que a orientaram e que foram explanadas no início deste texto, fez-se, ainda assim, alguma luz sobre parte delas, concretamente a que equacionava o facto da área aberta do peristilo que hoje ali se vê ser ou não ajardinada. Torna-se hoje claro que parte significativa senão a totalidade da área, não era ajardinada¹⁷. Essa parte corresponde seguramente à faixa a sul do tanque hoje ainda parcialmente ocupada com pavimento de *opus signinum* que cobre um mosaico mais antigo e que eventualmente corresponderia a uma área coberta de um primeiro peristilo; com toda a probabilidade, também a área oposta e ainda as alas nascente e poente não seriam ajardinadas. As estruturas descobertas ou superficialmente soterradas destas duas alas impediam ali um potencial de terras que permitisse um jardim. Não é impossível que as faixas sul e norte que correm encostadas aos lados maiores do tanque, e que poderiam corresponder a um *viridarium* do primeiro peristilo referido, se mantivessem ajardinadas durante as duas últimas fases da *villa*. Mas admitindo que aquelas áreas, e só aquelas, fossem ajardinadas, a maior parte do espaço em torno do tanque, se não a sua totalidade, era ocupada com plantas em vasos, estátuas e outros *ornamenta* que ajudavam, com a abundante presença de água, a embelezar o espaço e a recriar um cenário de acordo com o ideal de casa romana.

¹⁶ A existência de *villae* com peristilos trapezoidais resultantes de uma evolução que tende a valorizar determinadas divisórias ocorre em outros sítios como a de Los Cipreses (Jumilla, Murcia) (Muñoz Tomás, 1995). De acordo com Pierre Gros (2001, p. 334) "de telles ruptures avec la norme sont en général le signe d'un effort pour régulariser une ordonnance qui auparavant s'était déployée d'une façon un peu anarchique".

¹⁷ Nem sempre a área aberta do peristilo era um *viridarium*, isto é, ajardinada. Só para citar um exemplo próximo, veja-se o caso da Casa de Exedra de Itálica (Sevilha) onde aquela área era coberta com placas de mármore (Rodríguez Hidalgo, 1991).

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, Jorge (1985) – *Introdução ao Estudo da Casa Romana*. Coimbra.
- ATLANTE DELLE FORME CERAMICHE, I. (1981) – *Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo (Medio e Tardo Imperio)*. Suplemento de la Enciclopedia dell'Arte Antica, Roma.
- BRODRIBB, Gerald (1987) – *Roman Brick and Tile*. Gloucester, Alan Sutton Publishing.
- GROS, Pierre (2001) – *L'Architecture Romaine. 2. Maisons, palais, villas et tombeaux*. Paris, ed. Picard.
- HAUSCHILD, Theodor (1983) – *Relatório da Campanha de 1983* (dactilografado).
- HAUSCHILD, Theodor (1987) – *Relatório da Campanha de Outono de 1987* (dactilografado).
- HAUSCHILD, Theodor e TEICHNER, Felix (2002) – *Milreu: Ruínas*, Lisboa: IPPAR (coleção "Roteiros da Arqueologia Portuguesa", 9).
- MONTENEGRO, Angel (1995) – "Evolution política durante las dinastías Julio-Caludia y Flavia. Emperadores hispanos, Antoninos y Severos". In José María Blásquez et al., *Historia de España Antigua*, Tomo II – *Hispania Romana*, Madrid, Catedra, pp. 289-344.
- MUÑOZ TOMÁS, Baltasar (1995) – "Poblamiento rural romano en lo sureste: El altiplano, Jumilla". In *Poblamiento Rural Romano en el sureste de Hispania*, Murcia, Universidad de Murcia, pp. 107-132.
- RODRÍGUEZ HIDALGO, José Manuel (1991) – "Dos ejemplos domésticos en Traianópolis (Itálica): las casas de los Pájaros y de la Exedra". *La casa Urbana Hispanoromana*, Zaragoza, Institución Fernando el Católico, pp. 291-311.
- SANTOS, Maria Luisa E. V. dos (1972) – *Arqueologia romana do Algarve*, vol. II. Lisboa.
- SILLIÈRES, Pierre (1997) – *Baelo Claudia, una Ciudad Romana de la Bética*. Madrid, Casa de Velázquez.
- TEICHNER, Felix (1997) – "Die römischen Villen von Milreu (Algarve/Portugal). Ein Beitrag zur Romanisierung der südlichen Provinz Lusitania". *Madriider Mitteilungen*, 38, Mainz, pp. 106-162.
- TEICHNER, Felix (2001a) – Documentação e publicação do espólio arqueológico e arquitetónico da villa romana de Milreu – relatório sobre os trabalhos de 2001 (dactilografado).
- TEICHNER, Felix (2001b) – "Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, sobre a Villa romana de Milreu (Estoi, Algarve) – notícia preliminar". *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 19, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 187-198.
- TEICHNER, Felix (2003) – "Resultados preliminares das últimas escavações na pars rústica noroeste da Villa Romana de Milreu". *Xelb*, n.º 4 (Actas do 1.º Encontro de Arqueologia do Algarve), Silves, Câmara Municipal de Silves, pp. 103-114.

TABELA 1

N.º Inv.	Q	UE	CC	TSC	TSA	L	PF	CCA	CVP	VF	P	B	V	AO	O	C	A	EP	T	Outros
501-600	18X/30Y		50	14	2	3		3	8				5	1	1				1	x
401-500 30-100	18X/-28Y		53	16	1	1		2	43	1			28	1		2		3	x	2 amoladores em seixo
201-231	20X/-28Y	1	19	3		2					1		3		2				x	1 botão; 1 lasca de bronze
232-287 1051-1054		2	30	9	1	1	1	1	7				4			8			x	1 dente
288-300 1001-1050		3	31	5		4	6		18	2	1	4	4		7					x
101-200	20X/-27Y		34	10	5	6		1	11				7	2	1	1	1	2	x	2 berlindes em pedra; 1 disco em pedra
701-800	16X/-28Y		25	3	2				21	11			2		1					x
	22X/-30Y		3	2											2	1				x
																				1 moeda de 1990; 2 peças de embutido de mármore; Tijolo recente
901-1000	15X/-30Y	1	2	2							1								1	x
		2	15	4					4							1				x
		3		5					2				1							x
601-610	16X/-27Y	1	2	2					4											1 frag. de conta; 1 frag. de placa

Q = Quadrícula; CC = Cerâmica Comum; TSC = Terra Sigillata Clássica; TSA = Terra Sigillata Africana; L = Lucerna; PF = Paredes Finas; CCA = Cerâmica de Cozinha Africana; CVP = Cerâmica de Vermiz Pompeiano; VF = Vidrados e Faianças; P = Pregos; B = Bronzes; V = Vidros; AO = Agulhas em Osso; O = Osso; C = Concha; A = Ânforas; EP = Estuque Pintado; T = Tesselaes.

TABELA 1 (continuação)

N.º Inv.	Q	UE	CC	TSC	TSA	L	PF	CCA	CVP	VF	P	B	V	AO	O	C	A	EP	T	Outros		
611-635	14X/27/28Y	1	15			1		1	6	1									x	frag. opus signinum; frag. de mármore		
1931-1950		2	4	4		1			5				3							x		
801-828	16X/30Y	1	25			1		3	1											x		
831-861		2	13	6	3	5	2	1	15											x	1 frag. mármore	
862-900		3	20	10				4					2	3						x	1 berlinde vidro	
301-315	18X/27Y	1	15						7												x	
331-357		2	12	3	1				11												x	1 frag. ferro
361-365		3	5																		x	
1201-1224	18X/23.5Y	1	9	3	2				5				4								x	moeda de 50 centavos de 1927
1231-1284		2	32	4	2				4	3		1				1					x	1 frag. mármore verde; moeda de 10 centavos de 1925
1371-1393		3	15	1	6																	
1301-1370	22.5X/29Y	1e2	7	2	1				2	1						2	1				x	
TOTAL		3	12	2				1	5				1			12	10	7			x	
		448	110	25	25	9	14	24	158	20	2	64	7	10	12	10	10	7				

Q = Quadrícula; CC = Cerâmica Comum; TSC = Terra Sigillata Clássica; TSA = Terra Sigillata Africana; L = Lucerna; PF = Paredes Finas; CCA = Cerâmica de Cozinha Africana; CVP = Cerâmica de Verniz Pompeiano; VF = Vidrados e Faianças; P = Pregos; B = Bronzes; V = Vidros; AO = Agulhas em Osso; O = Osso; C = Concha; A = Ânforas; EP = Estuque Pintado; T = Tessela.

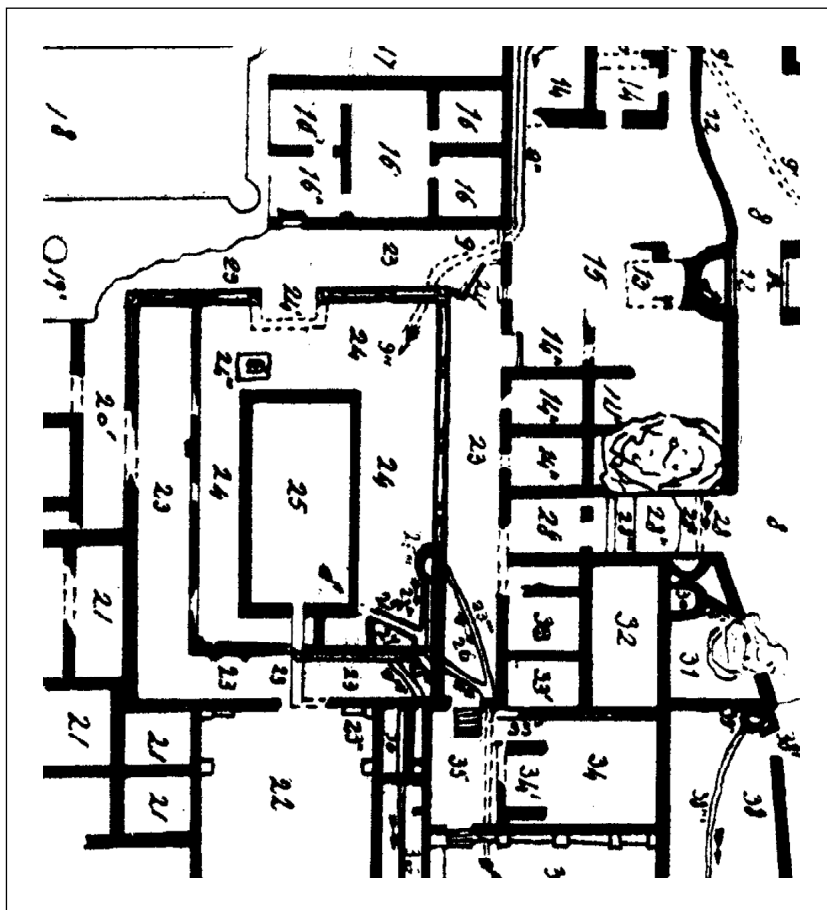


FIG. 1. Planta que Estácio da Veiga levantou em 1877 (pormenor da zona do peristilo).

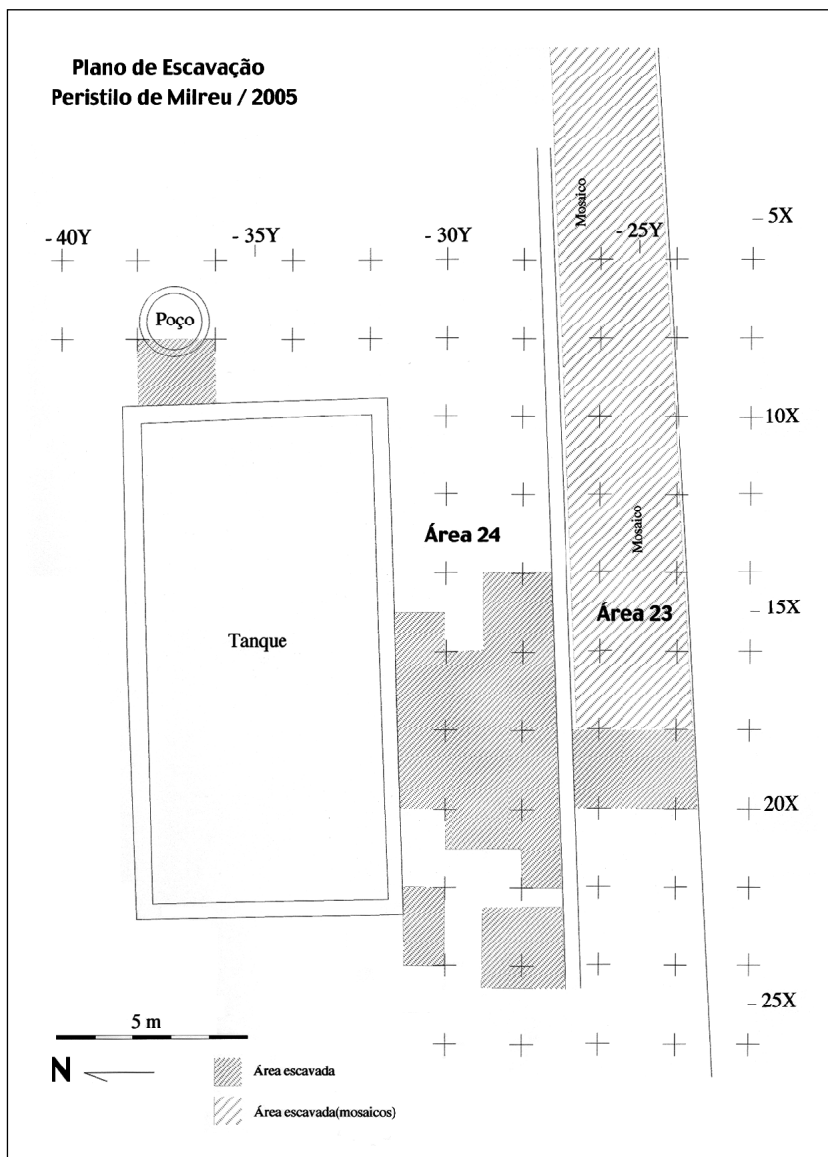


FIG. 2. Plano Geral da Intervenção.

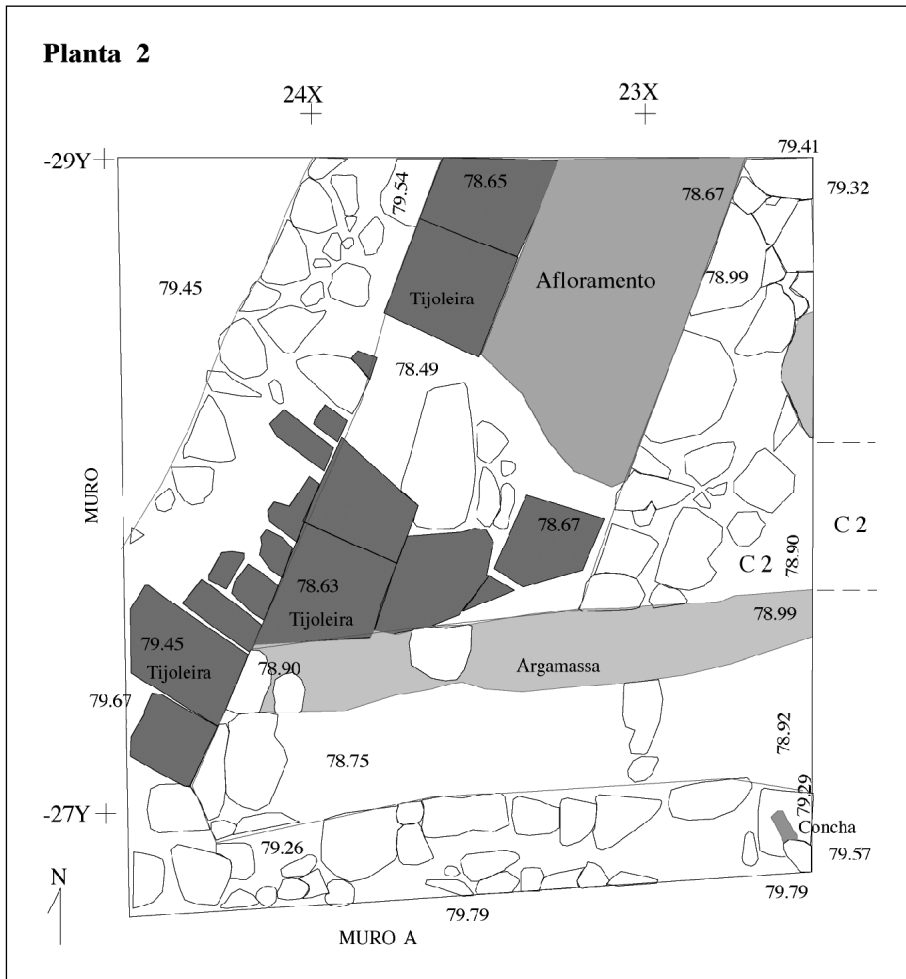


FIG. 4. Planta da zona sudoeste da área 24.

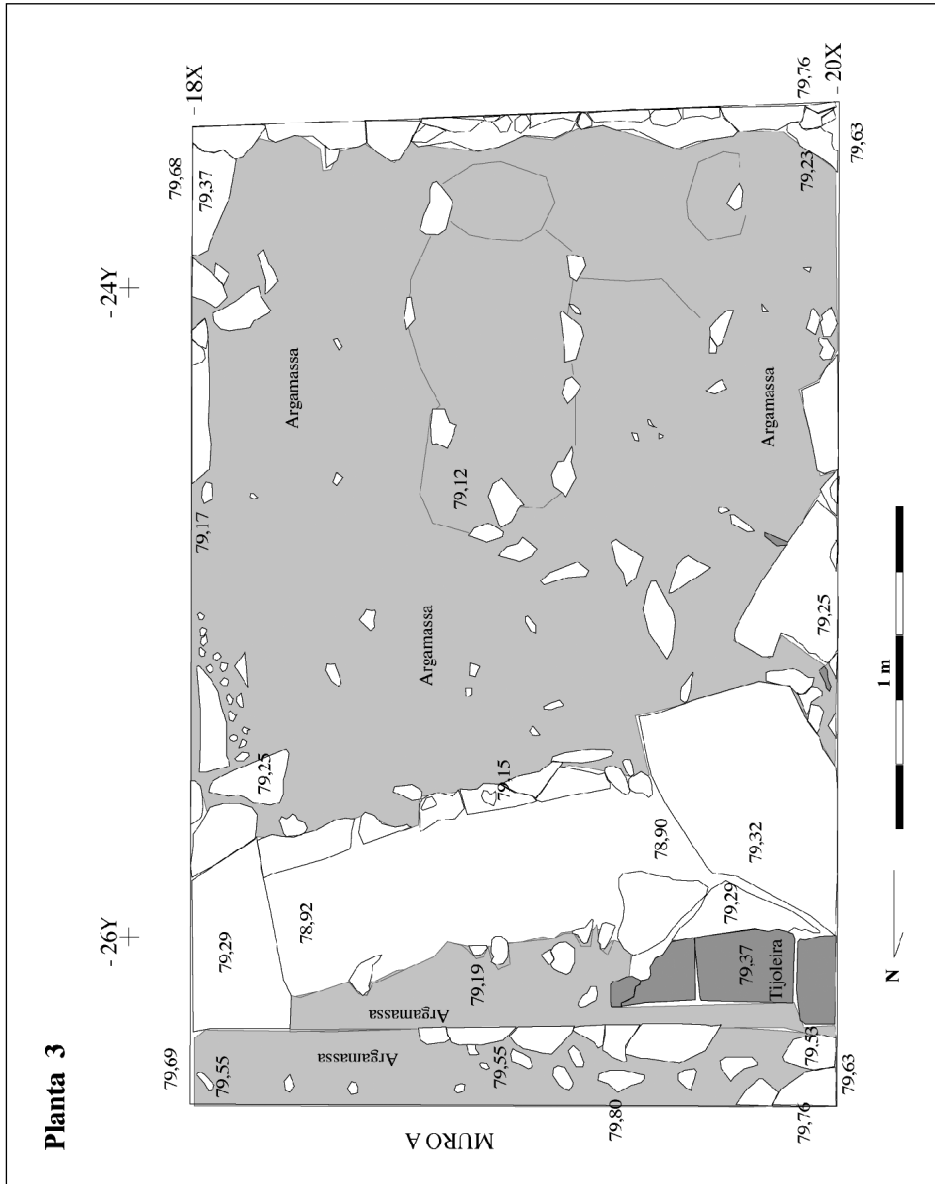


FIG. 5. Planta da sondagem na área 23.

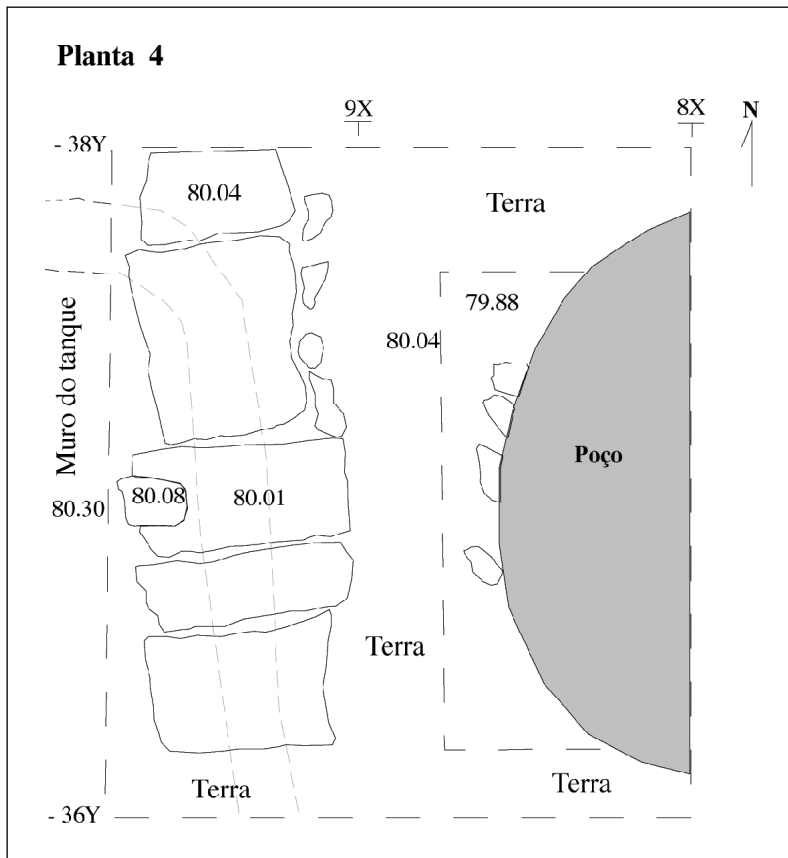


FIG. 6. Planta da zona do poço da área 24.



FIG. 7. Vista geral das escavações na área 24.



FIG. 8. Vista geral da sondagem na área 23.